

PELOS CAMINHOS DAS ÁREAS DIALETAIS E LEXICAIS DO BRASIL

ALONG THE PATHS OF THE DIALECTAL AND LEXICAL AREAS OF BRAZIL

Leandro Almeida dos Santos

Universidade Federal da Bahia

santosleo1811@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9676-3018>

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre áreas dialetais brasileiras, levando em consideração a proposta de Nascentes (1953). Assim, visa-se a apresentar os resultados gerais ao analisar alguns trabalhos que examinaram áreas dialetais brasileiras, com o fito de confirmar e/ou refutar o mapa dialetal de 1953. Para tanto, utilizam-se as pesquisas com base em dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB – procurando trazer à tona a importância desse projeto nacional para a descrição da realidade linguística brasileira, no que tange à língua falada e para um novo e atual contorno dialetal. A metodologia utilizada consistiu na realização de etapas: a) seleção e leitura dos textos; b) formação do *corpus*; c) análise do *corpus*; e d) elaboração de algumas considerações. O estudo possibilitou trazer notícias sobre a configuração dialetal brasileira, do ponto de vista lexical. Portanto, a sugestão é que, em breve, com base nos dados do Projeto ALiB, seja elaborado um novo mapa dialetal, por parte da equipe de dialetólogos do Projeto, referendando ou não o mapa proposto por Antenor Nascentes, em 1953.

Palavras-chave: Divisão Dialetal; Projeto ALiB; Antenor Nascentes.

Abstract

This article presents a study on Brazilian dialectal areas, taking into consideration the proposal of Nascentes (1953). Thus, it aims to present the general results of analyzing some works that examined Brazilian dialectal areas in order to confirm and/or refute the 1953 dialectal map. For this purpose, research based on data from the Atlas Linguistic Project of Brazil - ALiB Project is used, and an attempt is also made to bring out the importance of this national project for the description of the Brazilian linguistic reality, as far as the spoken language is concerned, and for a new and current dialectal outline. The methodology used consisted in carrying out stages: a) selection and reading of texts; b) formation of the corpus; c) analysis of the corpus; and d) elaboration of some considerations. The study made it possible to bring news about the Brazilian dialectal configuration, from a lexical point of view. Therefore, the suggestion is that, soon, based on data from the ALiB Project, a new dialectal map be elaborated by the Project's team of dialectologists, referencing or not the map proposed by Antenor Nascentes in 1953.

Keywords: Dialectal Division; ALiB Project; Antenor Nascentes.

À guisa de introdução

Estudiosos brasileiros, sobretudo, os dialetólogos, desde os tempos remotos, vêm investigando a configuração diatópica do Português Brasileiro (PB), no que tange à língua falada. Nesse sentido, destacam-se várias proposições de divisão dialetal, em especial, os mapas apresentados por Antenor

Nascentes (1922/1953), este último constitui-se um marco referencial para as pesquisas sobre as áreas dialetais brasileiras.

Atualmente, por meio dos dados coletados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil³ (Projeto ALiB), vários trabalhos têm investigado a divisão de Nascentes (1953), alguns resultados são indicativos de que tal proposição tem pertinência, outros reclamam a necessidade de um traçado mais próximo da realidade, com base em dados atuais. Desse modo, dentre esses trabalhos, citam-se a tese de doutoramento de Ribeiro (2012), que analisou o Falar Baiano, a dissertação de mestrado de Portilho (2013), que analisou o Falar Amazônico, a tese de doutoramento de Romano (2015), que investigou o Falar Sulista, e as dissertações de Santos (2016) e Santos (2018), que, respectivamente, analisaram o Falar Fluminense e o Falar Nordestino.

Além disso, citam-se os resultados encontrados em cartas do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), que foram analisados por Cardoso (2016); e os catalogados por D’Anunciação (2016) em algumas localidades de Minas Gerais. Tais estudos colaboraram com a agenda de discussões sobre a divisão dialetal do Brasil. Aqui, objetiva-se trazer uma discussão geral. Portanto, o artigo possui um caráter de revisão de literatura.

Para auxiliar o entendimento, optou-se por dividir o artigo em duas seções principais, além daquelas que introduzem e finalizam as reflexões ora empreendidas: na segunda, são apresentadas considerações sobre as divisões dialetais feitas até a proposição de Nascentes (1953). Na terceira seção, são apresentadas as contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para o entendimento da língua portuguesa falada no Brasil, sobretudo, por meio dos resultados gerais dos estudos mencionados, que já apresentam notícias sobre a atual configuração dos espaços dialetais do Brasil, conforme análises e conclusões dos respectivos autores.

Os caminhos da divisão dialetal brasileira

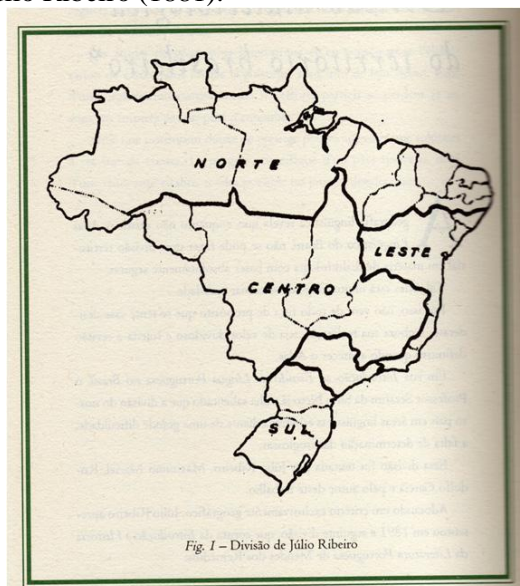
No percurso histórico, ao observar a língua falada no Brasil, nota-se que alguns estudiosos se debruçaram, sob diferentes critérios, para investigar e propor os limites dialetais. Dentre os tais, destacam-se algumas proposições: a) Júlio Ribeiro, em 1881; b) Maximino Maciel, em 1950; c) João

³ Mais informações sobre o Projeto ALiB podem ser encontradas no site: Disponível em: < <https://alib.ufba.br/> > Acesso em: 30 jul. 2020.

Ribeiro, sem ano mencionado; d) Rodolfo Garcia, em 1915; e, por fim, e) Antenor Nascentes, em 1922/1953.

Na obra *O linguajar carioca*, Nascentes apresenta as propostas iniciais de traçados dialetais para o Brasil, tais como: a divisão de Júlio Ribeiro (1881), baseada em critério único, o geográfico, separou o país em quatro grandes áreas, a saber: 1) Norte; 2) Leste; 3) Centro; 4) Sul, conforme Fig. 1.

Figura 01: Proposta de Júlio Ribeiro (1881).



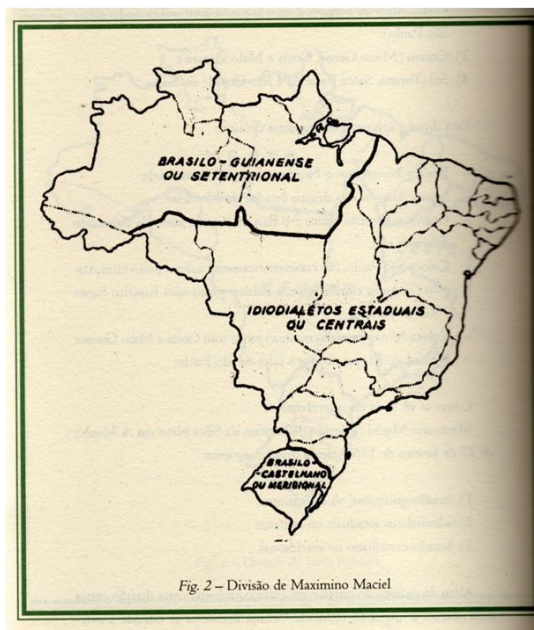
Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 692).

O próprio Nascentes (1953) classificou tal divisão como sendo imperfeita, justificando a partir dessas considerações:

Junta o Norte com Nordeste, que é muito diferente dele. Separa Alagoas dos demais Estados do Nordeste. Coloca o Espírito Santo (sem discriminar norte e sul) e Rio de Janeiro junto da Baía, tão diferente esta. Coloca São Paulo, tão caracteristicamente sulino, junto com Alagoas (!) e junto com Sergipe e Baía e junto com Espírito Santo e Rio de Janeiro. Coloca Minas (sem discriminar *sic*) junto com Goiás e Mato Grosso. No sul só há que objetar a falta de S. Paulo (NASCENTES, 1953, p. 21).

Nascentes (1953) descreve e analisa outra divisão que, também, utiliza apenas um critério, o geográfico, a proposta de Maximino Maciel (1950), conforme Fig. 2.

Figura 02: Proposta de Maximino Maciel (1950).



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 692).

Essa divisão também apresenta defeitos, conforme Nascentes (1953), tais como:

A língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; que serão idioletos? A influencia do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar (NASCENTES, 1953, p. 21).

João Ribeiro, na obra *História do Brasil*, sem data, separa o Brasil em cinco áreas, embora não tenha apresentado mapa divisório, utilizando critérios de base histórica:

1) o Extremo Norte (a Amazônia, o Maranhão, Piauí, e Ceará); 2) o Norte (Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte); 3) o Centro (Sergipe, Baía, Ilhéus e Porto Seguro); 4) o Interior (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso); 5) o Sul (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (NASCENTES, 1953, p. 23).

Em seguida, Nascentes (1953) apresenta outra divisão, a elaborada por Rodolfo Garcia, que divide o território brasileiro em cinco áreas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central, conforme Fig. 3, a partir da combinação entre os critérios geográficos e históricos, além de aspectos culturais, os glossários com expressões locais e regionais, a continuidade territorial e a facilidade de comunicações terrestres, publicada no *Dicionário de brasileirismos* (1915).

Figura 03: Proposta de Rodolfo Garcia (1915).

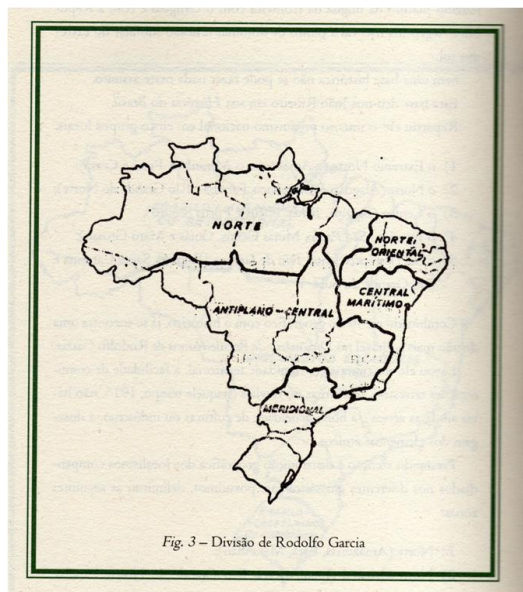


Fig. 3 – Divisão de Rodolfo Garcia

Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 696).

Nascentes (1953) apresenta algumas críticas a essa divisão, embora tenha considerado positiva a combinação dos aspectos históricos e geográficos da proposta.

Ha os seguinte (*sic*) defeitos nesta divisão: colocar o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; colocar o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-maritima; colocar Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso (NASCENTES, 1953, p. 22).

Em O linguajar carioca em 1922, Nascentes apresenta uma divisão dialetal do Brasil de sua própria autoria, a saber: 1) nortista; 2) fluminense; 3) sertaneja; 4) sulista, conforme se observa na Fig. 4.

Figura 04: Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922).

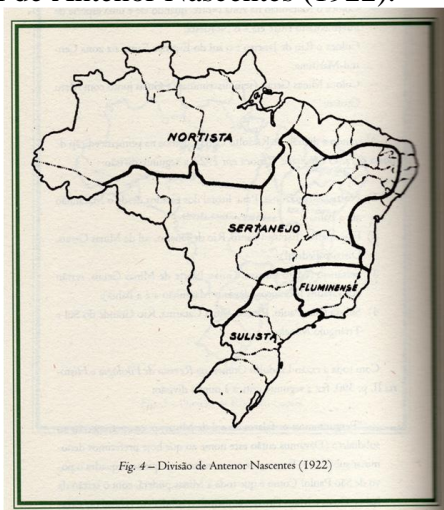


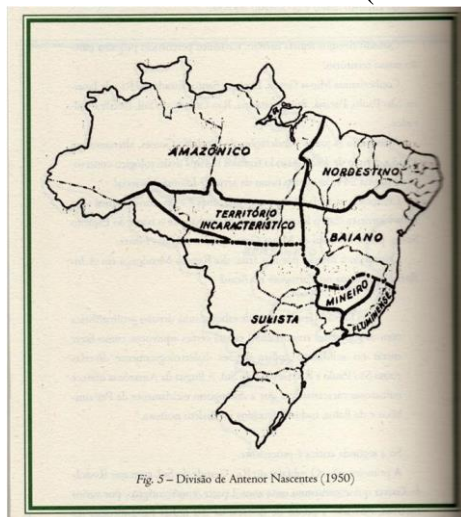
Fig. 4 – Divisão de Antenor Nascentes (1922)

Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 698).

No entanto, esta proposta de divisão dialetal, elaborada por Antenor Nascentes, em 1922, à época, recebeu algumas críticas feitas por Lindolfo Gomes, na Revista de Filologia e História II, que foram consideradas justas por Nascentes, pois “Quando fizemos aquela divisão, havíamos percorrido pequena parte do nosso território. Conhecíamos Minas Gerais, Espírito Santo, estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Recife e Salvador” (NASCENTES, 1955, p. 217).

O novo mapa dialetológico, reelaborado em 1933 e publicado em 1953, conforme Fig. 5, na segunda edição da obra *O linguajar carioca*, ganhou grande vulto nos estudos dialetológicos brasileiros, uma vez que foi baseada em dois fatos linguísticos: cadência da fala e abertura de vogais pretônicas.

Figura 05: Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

Ademais, nas palavras do autor,

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividimos então o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. O que caracteriza êstes dois grupos é a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios terminados em -mente. Basta uma singela frase, ou mesmo uma simples palavra, para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um dêstes grupos (NASCENTES, 1955, p. 217).

Na proposição de 1953, o referido autor divide o Brasil em dois grandes grupos, subdivididos em seis subfalares, além de um território incaracterístico. Os falares do Norte que compreendem:

Os subfalares do norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, O Amazonas, O Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquikui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás, que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba (NASCENTES, 1955, p. 217).

E os falares do Sul:

Os subfalares do sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Nordeste, Norte e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade do Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1955, p. 217).

A última divisão apresentada recebeu críticas, em 1935, feitas por Renato Mendonça, que foram refutadas por Nascentes. Tal divisão vem sendo parâmetro para os dialetólogos brasileiros, que buscam atestar ou refutar os contornos nascentistas.

Em 1986, ao confrontar dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963) e do Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977), Cardoso afirma existir uma unidade dialetal para a área em análise, o falar baiano, por ter encontrado a presença de vogais abertas pretônicas (na Bahia e em parte de Minas Gerais). Além disso, as delimitações em que o Brasil é dividido em dois grandes polos dialetais, os falares do Norte e os falares do Sul, de certa maneira, em grande parte, são atestados, ou seja, Nascentes tinha razão, segundo a referida autora.

Cardoso (1999), ao analisar dados referentes à realização das vogais médias pretônicas, abertas e fechadas, em 16 estados do Brasil, conclui que, no que tange à divisão proposta por Nascentes (1953), os dados afirmam tal divisão, uma vez que as vogais fechadas foram documentadas nas áreas dos falares do Sul (fluminense, mineiro e sulista, ao passo que, as vogais abertas foram documentadas, de forma majoritária, em estados que pertencem aos falares do Norte (amazônico e nordestino), mas também em partes do falar baiano.

Mota (2006), ao refletir sobre a proposta de divisão feita por Nascentes e as análises contemporâneas, aponta para o fato de informações insuficientes e para a dificuldade de intercomparação de dados, à época, recolhidos com metodologias distintas dos atlas regionais/estaduais, haja vista que,

Analisados os dados hoje disponíveis, verifica-se a necessidade de um maior conhecimento das áreas dialetais brasileiras, especialmente daquelas que ainda não dispõem de atlas

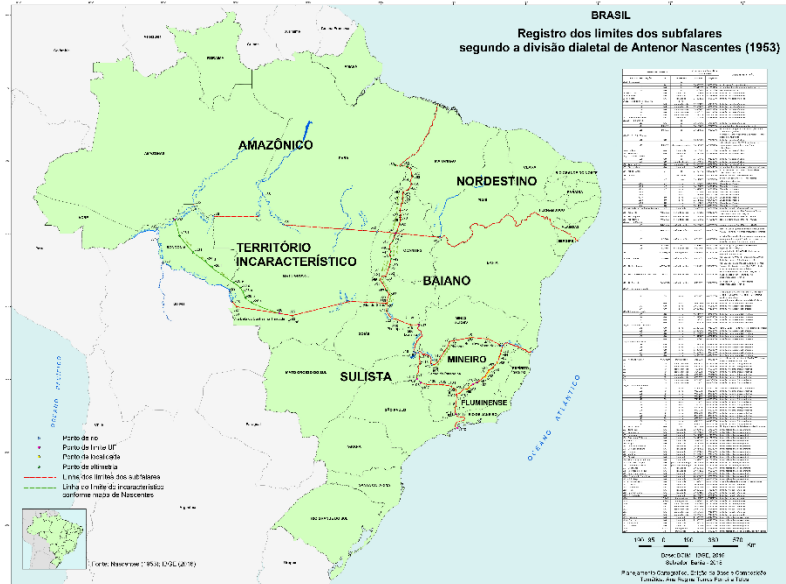
regionais, assim como de uma amostra atualizada, recolhida simultaneamente, com a mesma metodologia e sob coordenação geral em todo o País, como a que se programa para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Somente a partir de amostra desse tipo será possível uma proposta cientificamente justificável de divisão do País em áreas dialetais (MOTA, 2006, p. 351).

Nesse sentido, os estudos dialetais brasileiros carecem de uma nova proposição. Ainda hoje, constata-se que

[...] os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil (RIBEIRO, 2012, p. 79).

Teles (2018), a partir de ferramentas da Cartografia automatizada, a base BCIM, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016) – IBGE – e o banco de dados Sistemas de Informações Geográficas – SIG – debruçou-se em analisar o mapa proposto por Nascentes (1953). A autora apresenta, ao concluir o estudo, uma proposta atualizada do mapa dialetal elaborado por Nascentes, com todos os vértices definidores dos delineamentos feitos pelo autor, conforme Fig. 6.

Figura 6: Mapa da divisão dialetal, a partir do georreferenciamento da Cartografia Automatizada⁴.



Fonte: Teles (2018, p. 485).

⁴ O mapa e a tabela podem ser visualizados com melhor resolução e maiores detalhes em Teles (2018).

Desse modo, tal mapa, desde então, se tornou um marco elementar para as pesquisas sobre áreas dialetais brasileiras, uma vez que já se encontram disponíveis delineamentos atuais, construídos por meio de ferramentas tecnológicas modernas. Vale ressaltar que Teles (2018) não apresenta um novo mapa dialetal, mas uma proposta atualizada da divisão de Nascentes, considerando critérios da ciência cartográfica para apresentação de um mapa com um caráter mais científico. Para além disso, também, Teles (2018) deu tratamento, pelo viés cartográfico, à rede de pontos sugerida em Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil (NASCENTES, 1958).

A partir dessas considerações, um questionamento é pertinente fazer: atualmente, a partir dos dados coletados pelos pesquisadores do Projeto ALiB, é possível traçar novos contornos dialetais para o país? Os dados disponíveis, ainda, não permitem um novo mapa dialetal, embora, incansavelmente, os pesquisadores do referido Projeto vêm perseguindo tal desejo.

Projeto ALiB e as contribuições para a divisão dialetal do Brasil

O Projeto ALiB vem, de certo modo, perseguindo um dos seus objetivos, o de traçar isoglossas que retratem os espaços dialetais, desse modo, revelando as várias faces da fala brasileira. Com base nas elocuições dos informantes, coletadas do Oiapoque ao Chuí, considerando-se os avanços dos aspectos metodológicos da Dialectologia, o Projeto ALiB utiliza-se dos princípios da Geolinguística Pluridimensional, ou seja, além do registro diatópico, incluem-se os registros diastráticos.

No quadro 1, por exemplo, listam-se alguns trabalhos, com caráter lexical, que buscaram, a partir dos dados do referido Projeto, traçar isoglossas delimitadoras de fronteiras dialetais do Brasil.

Quadro 1: Alguns estudos do Projeto ALiB que aludem áreas dialetais.

Ano	Autor (a)	Título
2009	Vanderci Aguilera	Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALiB.
2012	Silvana Ribeiro	Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”.
2013	Danyelle Portilho	O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.
2015	Valter Romano	Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil.
2016	Suzana Cardoso	Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB.
2016	Leandro Santos	Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense.

2016	Eliana Souza	Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais.
2018	Graziele Santos	O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino.
2018	Beatriz Alencar	O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo.
2020	Silvana Ribeiro	Como falam os brasileiros de Norte a Sul do Brasil? Delimitando áreas dialetais com base nos resultados do Projeto ALiB.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com o lançamento dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), por exemplo, algumas cartas linguísticas, com dados das capitais brasileiras, já demonstram aspectos sobre a arealidade dialetal brasileira atual.

Em 2016, Cardoso, em um artigo intitulado *Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB*, apresenta uma sucinta descrição e uma análise conjunta de dez cartas lexicais do atlas nacional: L01, L05, L06, L07, L11, L13, L14, L16, L17 e L18⁵. Após investigação, analisando essas cartas, a autora conclui que há, por meio dos dados cartografados nas referidas cartas, cinco subáreas, a saber: A (área formada por capitais da região Norte, o que se atesta com as presenças das formas *carapanã* (L14) e *capote* (L11)); B (área formada também por capitais da região Norte com o acréscimo de duas capitais da região Nordeste, São Luís e Teresina, identificada pelo registro das formas *carambola/carambela*, *peteca* e *porronca*); C (área que evidencia uma certa unidade dialetal entre Norte e Nordeste em detrimento as demais espaços geográficos em direção ao Sul, comprovada pela coexistência das formas *chuva de neve*, *mangará*, *palma* e *tapuru*); D (área que delimita as capitais da região Centro-oeste e São Paulo, identificada pela forma *maricote*) e, por fim, E (área que identifica a região Sul, pela presença de *bergamota*).

Apresentam-se a seguir os resultados das pesquisas lexicais com os dados do Projeto ALiB, tomando por referência os dois grandes grupos, Norte e Sul (NASCENTES, 1953), em grande parte, com dados das localidades do interior.

Estudos Lexicais sobre os Falares do Norte⁶

⁵ Respectivamente, Granizo, Tangerina, Penca da Banana, Extremidade da Inflorescência da bananeira, Galinha D'Angola, Bicho da Goiaba, Pernilongo, Cigarro de Palha, Cambalhota e Bolinha de Gude.

⁶ Há uma dissertação de mestrado em andamento, com dados do Projeto ALiB, em que a mestranda Ana Rita Carvalho de Souza, do PPGLinC, analisa a área do Falar Amazônico, a partir de 05 questões do campo semântico *Astros e Tempo*, QSL – 029, 030, 031, 032, 033.

Em 2013, por meio da dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, intitulada *O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*, Danyelle Almeida Saraiva Portilho busca atestar a vitalidade do Falar Amazônico.

Tal área corresponde a 26 localidades, 20 distribuídas entre pontos situados na região Norte: Acre, Amazonas, Pará, Roraima e Amapá e área de controle, 06 pontos localizados em Mato Grosso, de Rondônia, do Maranhão e do Tocantins. Para tanto, a autora privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica, sob os princípios teóricos da Dialetologia e Lexicologia, ao analisar as 13 questões do campo semântico dos jogos e diversões infantis, Questionário Semântico-Lexical (QSL) (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), a saber:

155 – CAMBALHOTA: “... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (*Mímica*)”; 156 – BOLINHA DE GUDE: “... as coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar”; 157 – ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE: “... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?”; 158 – PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA: “... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?”; 159 – PIPA/ARRAIA: “... um brinquedo parecido com o ____ (*cf. item 158*) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?”; 160 – ESCONDE-ESCONDE: “... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?”; 161 – CABRA-CEGA: “... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”; 162 – PEGA-PEGA: “... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?”; 163 – FERROLHO / SALVA / PICULA / PIQUE: “... esse ponto combinado?”; 164 – CHICOTE-QUEIMADO / LENÇO ATRÁS: “... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?”; 165 – GANGORRA: “... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?”; 166 – BALANÇO: “... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?”; 167 – AMARELINHA: “... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34-35).

Assim, após as análises das respostas de 128 informantes, foram encontrados 196 itens lexicais, que estão distribuídos em 12 cartas linguísticas, o que permite a visualização desses itens, quanto à distribuição espacial. E quanto à vitalidade da área dialetal analisada, a referida autora afirma que:

Foi possível atestar parcialmente a vitalidade da área dialetal do falar amazônico [...] Pelo exposto, pode-se afirmar que, apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área

mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil (PORTILHO, 2013, p.137-138).

Em dissertação de mestrado intitulada *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino*, defendida na Universidade Federal da Bahia, em 2018, Grazielle Ferreira da Silva Santos investigou a área dialetal do Falar Nordestino.

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, a autora selecionou 53 localidades, correspondentes à área analisada, parte da região Nordeste do Brasil, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. No total, foram elocuições dos 240 informantes. Tais inquiridos foram observados à luz da Dialetologia, da Geolinguística Pluridimensional e da Lexicologia. Assim como o estudo sobre o Falar Amazônico, também foram utilizadas as 13 perguntas que compõem o campo semântico dos jogos e diversões infantis, já anteriormente mencionadas.

A partir das análises dos itens lexicais encontrados e cartografados nas 17 cartas linguísticas, a autora assevera que:

1) É possível delinear a área do dialetal do *Falar Nordestino* através do léxico? 2) Com base em estudo centrado no campo semântico de *jogos e diversões infantis*, pode-se considerar atual a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), em relação à área denominada *Falar Nordestino*? [...] Observando a primeira questão, os dados coletados mostraram que foi possível, por meio de itens lexicais, delinear diatopicamente a área do *Falar Nordestino* de Nascentes (1953). Verificando toda a área pesquisada responde-se negativamente à segunda questão, pela ausência de atualidade na proposta de Nascentes (1953), no que se refere ao *Falar Nordestino* como uma área homogênea. A falta de unidade linguística pode ser explicada pela extensão e pela diversidade sócio-histórica da área (SANTOS, 2018, p. 200).

Até do que se tem notícias, esses dois estudos sobre os falares do Norte, são os únicos, do ponto de vista lexical, a partir dos dados do Projeto ALiB, que trazem análises contemporâneas sob essas áreas. Como se notou, o Falar Amazônico teve a vitalidade parcialmente confirmada, ao passo que, quanto ao Falar Nordestino não foi encontrada homogeneidade, mas sim, a existência de duas subáreas dialetais, que possuem limites fluídos, são elas: a) as fronteiras do Maranhão com algumas cidades do Piauí, e b) os limites dos estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco, que ora dialogam com os estados do Ceará ou Alagoas (SANTOS, 2018, p. 200).

Estudos Lexicais sobre os Falares do Sul

Em 2012, com a tese intitulada *Brinquedos e Brincadeiras na área do Falar Baiano*, defendida na Universidade Federal da Bahia, Silvana Soares Costa Ribeiro se propôs a analisar a vitalidade

dessa delimitação dialetal. Trabalho pioneiro, a partir dos dados do Projeto ALiB, se constituiu, de fato, um marco importante e balizador para os outros estudos posteriores. Para tanto, a autora utilizou dados de 57 localidades – pertencentes à área escolhida – e área de controle – que compreende 11 estados (Sergipe, Bahia, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Maranhão, do Piauí, de Pernambuco, de Alagoas, do Tocantins, de Goiás, do Mato Grosso, de Minas Gerais e do Espírito Santo), distribuídos em quatro regiões administrativas brasileiras, sumarizando 244 informantes. Tais elocuições foram observadas à luz da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea. O campo semântico analisado foi o dos jogos e diversões infantis.

A tese apresenta três volumes e, em um deles, o volume 2 traz um conjunto de 40 cartas, que se distribuem da seguinte maneira: 23 cartas semântico-lexicais, 9 cartas resumo, 7 cartas introdutórias e, por fim, 1 carta fonética. No que se refere ao traçado de Nascentes, após concluir as análises, Ribeiro (2012) afirma que:

O produto cartográfico apresentado e a identificação do *Falar Baiano* e das subáreas demarcadas demonstra que o léxico pode revelar áreas dialetais. A proposta de Nascentes (1953) tem vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*. As subáreas dialetais A, B, C e D apresentadas demonstraram a *diversidade na unidade* (RIBEIRO, 2012, p. 449).

Em 2015, Valter Pereira Romano, com a tese de doutorado “Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil”, defendida na Universidade Estadual de Londrina, examinou a área do Falar Sulista. O autor utilizou os dados de 442 informantes, que estão localizados em 118 municípios, de oitos estados brasileiros, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, parte do estado do Mato Grosso, centro-sul de Goiás, parte do sul de Minas Gerais e do Triângulo mineiro. Para o estudo, foram utilizadas cinco questões do Questionário Semântico-Lexical (QSL) (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), analisadas sob os princípios teóricos da Dialetologia e da Geolinguística:

001 – CÓRREGO: “O rio pequeno de dois metros de largura”; [...] 039 – TANGERINA: “...as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro nas mão?”; [...] 132 – MENINO: “Criança pequena de 5 a 10 anos, do sexo masculino”; [...] 156 – BOLINHA DE GUDE: “... as coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar”; [...] 177 – GELEIA: “pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 21-36).

Ao concluir a pesquisa, por meio da ferramenta computacional Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas [SGVCLin]⁷, o autor apresenta um conjunto de 71 cartas lexicais, relatórios de produtividade dos itens analisados e afirma que

Considerando que o PB, em meados da segunda década do século XXI, já se encontra documentado em áudio pela equipe do *Projeto ALiB*, pode-se afirmar que, sob o ponto de vista do léxico, a divisão de Nascentes (1953), para o subfalar sulista, não é mais válida. Seria um equívoco considerar estados linguística e sócio-históricamente distintos como SP e RS pertencentes ao mesmo falar, uma vez que ambos os estados apresentam aspectos que os definem e os diferenciam [...] O território investigado pode ser dividido em duas grandes áreas: (i) a meridional (*falar sulista*) e (ii) a setentrional (*falar paulista*), caracterizadas anteriormente e que apresentam limites virtuais e fluidos (ROMANO, 2015, p. 265).

Em 2016, Santos, em dissertação de mestrado, defendida pela Universidade Federal da Bahia, intitulada *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*, utilizou todas as questões do campo semântico jogos e diversões infantis, ao examinar a área do Falar Fluminense.

Para a pesquisa, foram utilizados os dados de 152 informantes, oriundos das 35 localidades, situadas em cinco estados do Brasil, distribuídas entre a área analisada e pontos de controle, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Tais dados foram observados sob os prismas teóricos da Dialetoлогия, Geolinguística e Lexicologia. A análise prioritária foi diatópica, mas aspectos sociais também foram analisados.

Ao concluir o estudo, por meio das análises empreendidas, Santos (2016) apresenta um conjunto de 17 cartas linguísticas, que representam um total de 2208 itens lexicais catalogados, propõe aspectos inovadores para as pesquisas dialetais, em relação à cartografia, no que tange ao não dado, e atesta que:

É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao serem cotejados os dados resultantes de pesquisas com os dados do Projeto ALiB, (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas. No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal. A partir desse cenário, afirma-se que não foi possível estabelecer subáreas linguísticas nem traçar isoglossas, mas destacam-se o norte de Minas Gerais e o norte do Espírito Santo, pois eles se aproximam. A propósito dos fatos mencionados, ao findar a brincadeira, na área em análise, Nascentes (1953) não tinha razão SANTOS, 2016, p. 189-190).

Ainda, em 2016, por meio do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a obtenção do grau de bacharel em Letras Vernáculas, na Universidade Federal da Bahia, intitulado Registrando o

⁷ Mais informações podem ser obtidas no site <http://sgvclin.altervista.org/>.

léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais, Eliana Souza D’Anunciação traz considerações iniciais e precisas sobre o léxico de Minas Gerais. Vale mencionar, que, para a pesquisa, foram utilizadas cinco questões do campo semântico jogos e diversões infantis do QSL do Projeto ALiB: 156, 157, 158, 159 e 167.

Foram utilizados os dados de 96 informantes, oriundos das 23 localidades, situadas em Minas Gerais. Esses dados foram analisados na perspectiva teórica da Dialetologia e Geolinguística. Ao concluir a pesquisa, por meio das análises, D’Anunciação (2016) apresenta um conjunto de 09 cartas linguísticas, que demonstram uma produtividade lexical, embora o objetivo não tenha sido analisar toda a extensão do Falar Mineiro, e assevera que:

Para uma confirmação ou não do traçado de Nascentes (1953) e/ou do de Zágari (1998) é necessário que sejam realizados mais estudos em todo território mineiro. Consideramos que seja importante também estudar outros itens lexicais do Questionário Semântico-Lexical (Projeto ALiB), com vistas a promover futura comparação entre áreas homogêneas ou heterogêneas. A título de ações para a continuidade da pesquisa, vislumbramos comparações entre os trabalhos já realizados pelo Projeto ALiB, para o mesmo campo léxico, como os de Ribeiro (2012), Portilho (2013), xxxx (2016) e Romano (2015) (D’ANUNCIACÃO, 2016, p. 82-83).

Esses três estudos sobre os falares do Sul, Baiano, Sulista e Fluminense, respectivamente, trazem contribuições para elucidar um dos polos da divisão de Nascentes, o polo Sul. Como se notou, o Falar Baiano teve a vitalidade confirmada, ao passo que os falares Sulista e Fluminense não foram confirmados, de acordo com os respectivos resultados. Ainda, nessa perspectiva, vale destacar a diversidade lexical encontrada em Minas Gerais, conforme pontuou D’Anunciação (2016), fato que indica a necessidade de mais pesquisas sobre o Falar Mineiro.

Palavras finais

Nascentes (1953) segmentou o país em dois Brasis, que se subdividem internamente em seis subpartes, além do território incharacterístico. A proposição em dois grandes grupos, pelo que se tem notado, apresenta enormes indícios de vitalidade, quando se observa alguns estudos contemporâneos, tais como Cardoso (1986/1999/2016), Santos (2016), dentre outros. Assim, a partir do que foi exposto, vale ressaltar as diversas contribuições dadas por essas pesquisas.

Notam-se que, ao observar esses sete estudos (Cardoso, 2016; Portilho, 2013; Santos, 2016; Ribeiro, 2012; Romano, 2015; Santos, 2018; e D’Anunciação, 2016) alguns aspectos são indicativos para se pensar os atuais contornos dialetais brasileiros, tendo em vista o léxico. Faz-se, então,

necessário a reunião desses dados, a partir critérios de exegese definidos previamente e únicos, a fim de facilitar a disposição de itens lexicais para as cartas linguísticas que deem notícias desses falares. Desse modo, confirmando ou refutando a proposição esboçada por Antenor Nascentes, em 1953.

Outro fator que deve ser mencionado é a complexa tarefa de delimitação de áreas dialetais que vem sendo perseguida, por meio de estudos pontuais e localizados, que já noticiam, de certo modo, o descortinar da situação dialetal brasileira pelo viés lexical. Não se tem, ainda, um mapeamento completo de todos os falares. No entanto, pretende-se, futuramente, com auxílio de outros pesquisadores, divulgar um esboço dos novos contornos dialetais brasileiros, sobretudo, como mencionado anteriormente, a partir da reunião dos dados lexicais já tratados e publicados.

Para concluir este artigo, ao tomar por base os dados disponíveis no Banco de Dados do Projeto ALiB, alguns caminhos podem ser apontados, a fim de que, a cada passo, se persiga um dos objetivos do Projeto e dos dialetólogos brasileiros, os estabelecimentos de isoglossas que demarquem os espaços dialetais do país. Para além de outros estudos, notam-se aspectos basilares para tal tarefa, a saber:

- i. Observação dos dados das capitais, através das cartas linguísticas do ALiB (CARDOSO, 2014b), que já trazem notas importantes sobre os falares encontrados nas capitais brasileiras;
- ii. No que tange aos Falares do Norte, há uma área que apresenta características linguísticas peculiares, conforme as ponderações de Portilho (2013), que encontrou uma vitalidade relativa para o Falar Amazônico, e Santos (2018), que indicou a existência de subáreas para o Falar Nordeste, embora não o tenha confirmado em sua completude.
- iii. No que concerne aos Falares do Sul, embora Ribeiro (2012) tenha apontado a vitalidade do Falar Baiano e encontrado subáreas, os trabalhos de Romano (2015) e Santos (2016) indicam que a subdivisão de Nascentes (1953) carece de reformulações.
- iv. Embora a pesquisa de D’Anuniação (2016) tenha apresentado considerações relevantes de algumas localidades de Minas Gerais, a área que corresponde o Falar Mineiro deva ser mais bem investigada, uma vez que não se tem um trabalho dialetal com dados do Projeto ALiB que evidencie as particularidades de tal falar em sua totalidade, isto é, o Falar Mineiro é uma área que deve ser alvo de análise por pesquisas futuras. Para tal área, deve-se levar em consideração a divisão proposta por Zágari (2005);
- v. O campo semântico jogos e diversões infantis é uma boa opção e pode ser utilizado para fornecer caminhos para o entendimento das fronteiras lexicais brasileiras, haja vista as trilhas

percorridas por Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015), Santos (2016), D’Anunciação (2016) e Santos (2018).

- vi. A partir dos dados do Projeto ALiB, certamente, tornar-se-á realidade uma divisão dialetal do Brasil mais próxima da realidade, conforme pontuou o próprio Nascentes: “[...] Aguardemos o Atlas Lingüístico do Brasil (até quando?), para um trabalho definitivo” (NASCENTES, 1955, p.99).

Além dos aspectos sugeridos anteriormente, o trabalho em conjunto torna-se de fundamental importância para o sucesso da empreitada brasileira em alcançar o atual mapa dialetológico. Segundo Cardoso (2016, p. 47), “O caminho está aí. Necessário se faz continuar a percorrê-lo para atingir a meta almejada no que diz respeito à divisão dialetal do Brasil.” Logo, então, nas trilhas de um novo mapa dialetal, seguem os dialetólogos brasileiros. Assim que o país dispuser dos dados do ALiB publicados, tanto das capitais quanto do interior, algumas análises poderão ser feitas, com o fito de delimitação de áreas dialetais, traçando, assim, isoglossas que permitam verificar unidade e/ou diversidade, nos mais diferentes níveis da língua.

Referências

- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos*: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Tinha Nascentes razão?* (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). *Estudos: Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 5, p. 47-59, 1986.
- CARDOSO, Suzana. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, Vanderci (org). *Português no Brasil*: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Editora da UEL, 1999, p. 95-108.
- CARDOSO, Suzana Alice M. Áreas dialetais do português brasileiro: o que dizem as primeiras cartas do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Barbosa. (orgs.) *Estudos Geossociolinguísticos brasileiros e europeus*: uma homenagem a Michel Contini. Londrina: Eduel, 2016, p.33-48.
- CARDOSO, Suzana Alice M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice M. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Linguístico do Brasil*: Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- D'ANUNCIÇÃO, Eliana Souza. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana A. M. (orgs.) *Documentos 2*: Projeto Atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.
- MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*. CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.
- NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique*, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.
- NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p.213-219, 1955.
- NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de; PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de português. *Revista Tabuleiro de Letras* (PPGEL, Salvador, online), vol. 12; n. 03, dezembro de 2018.
- PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico*: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.
- PROJETO ALiB: 20 anos pesquisando a fala dos brasileiros. Mesa redonda. Coordenada por Silvana Soares Costa Ribeiro. Salvador. 1 vídeo (1h 29min 10seg). Publicado pela TV UFBA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QnsmXFRPbMI>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto L.; PASSINI, José; GAIO, Antonio Pereira. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e



Cultura, 1963.

SANTOS, Leandro Almeida dos. Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. *O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste*. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Vanderci de Andrade Aguilera. (org.). *A Geolingüística no Brasil - trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.

Submissão: agosto de 2020

Aceite: dezembro de 2020